

Mediterrâneo – entre a memória, o apocalipse e a esperança: a poesia de Ana Luísa Amaral

Mediterranean – between memory, apocalypse and hope: the Ana Luísa Amaral poetry

José Cândido de Oliveira Martins

Universidade Católica Portuguesa – CEFH¹

Palavras-chave: Ana Luísa Amaral, poesia, catástrofe, redenção, Mediterrâneo, Europa.
Keywords: Ana Luísa Amaral, poetry, catastrophe, redemption, Mediterranean, Europe.

1. Mediterrâneo como grande paisagem cultural

Diz-me, onde está Atenas?, perguntou
(Hélia Correia)

Nos últimos tempos, é impossível ficar indiferente ao fenómeno das desesperadas migrações que cruzam o Mediterrâneo, numa lancinante luta entre a vida e a morte. Coincidentemente, em escritos diversos, destacam-se várias referências ao Mediterrâneo como paisagem cultural e como cenário de prolongada e intensa tragédia humana. Essas referências recorrentes não apresentam, aparentemente, muitos traços em comum, ao abordarem traços identitários dessa vasta geografia ou ao recriarem imagens poéticas alusivas a tal cenário histórico-cultural.

Por um lado, num registo mais ensaístico, autores vários refletem sobre a identidade cultural que une vários países e territórios geograficamente irmanados pelo grande mar mediterrânico. Por outro, numa escrita poético-literária, alguns escritores portugueses coincidem também em diversas referências ao mesmo espaço cultural e antropológico, com alusões mais ou menos explícitas à referida tragédia contemporânea.

¹ Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) UIDB/00683/2020, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

A título meramente ilustrativo, quando Vasco Graça Moura (2013, p. 30) se interroga sobre a *identidade europeia*, cimentada por uma “herança cultural” e por “símbolos de uma identidade”, não pode ignorar a menção dos “lugares sagrados que, encontrando-se no Mediterrâneo, implicam a Europa e a civilização europeia, permitindo-lhe uma ancoragem cultural entre o mito e a realidade”. Entre civilizações e culturas, migrações e miscigenações, tensões e guerras, artes e filosofias, se construiu ao longo de séculos esta identidade plural, de que hoje possuímos uma visão história e, simultaneamente, mitificada.

“Não sabemos ao certo até onde vai o Mediterrâneo”, lê-se no *incipit* de notável livro do bósnio Predrag Matvejevitich (2009, p. 15), *Breviário do Mediterrâneo*. Como nos mostra uma extensíssima bibliografia histórica, “o Mediterrâneo não é apenas uma história” (Matvejevitich, 2009, p. 19). Consabidamente, a familiar geografia do Mediterrâneo constitui, em certo sentido, a nossa inegável matriz civilizacional e cultural. Nas margens riquíssimas da enorme e variada bacia mediterrânica – do Cairo a Jerusalém, de Atenas a Constantinopla, de Alexandria a Roma, de Veneza a Génova, entre outros grandes centros irradiadores –, floresceram algumas das mais fecundas sociedades, cujo fulgor cultural e lição de humanismo estão escritos congenialmente na nossa identidade colectiva ocidental.

Neste sentido, enquanto espaço geográfico-cultural pleno de história e de vida, as margens geo-temporais do Mediterrâneo estendem-se até aos nossos dias, numa amplitude e perenidade que ultrapassa as limitações da paisagem física. Por este Grande Mar (*mare magnum*) e pelas costas que o ladeavam, interligando a Europa, África e Oriente, sucederam-se navegadores e aventureiros, incontáveis rotas comerciais, centros de conhecimento e espaços de criação artística, escolas diversas, templos dedicados a várias religiões, sobretudo às grandes religiões monoteístas, etc. Neste sentido, o Mediterrâneo foi um dos grandes berços fundacionais da Europa moderna.

Por tudo isto, também não nos surpreendemos que, nas dinâmicas da História da Literatura europeia de várias épocas, se possa falar de um sistema literário cujos códigos e convenções aproximam as tradições literárias de Portugal e de Espanha, com relações privilegiadas também com Itália, etc., naquilo a que alguns teóricos da literatura designam como *sistema interliterário* e *comunidades interliterárias*, superadores de estreitas e mutáveis visões nacionalistas².

Ao nível da escrita poética, sirva de exemplo a publicação recente de uma antologia intitulada *Poetas do Mediterrâneo*, onde estão coligidos alguns poetas portugueses. Talvez hoje nos pareça que essas afinidades configuradoras de uma

² Estava visão englobante aplica-se ao que Vítor Aguiar e Silva (2007, p. 91-92) designou por “comunidade interliterária luso-castelhana” dos séculos XVI e XVII, assim definida como um “*sistema interliterário*, constituído graças às finidades memoriais, históricas, linguísticas, geoculturais, geopoéticas, étnicas, religiosas, etc., existentes entre as várias nações e aos intercâmbios recíprocos, que vão desde as grandes concepções poetológicas até aos temas e aos estilemas, que entre elas se estabelecem”.

Em todo o caso, para além deste período histórico áureo, a herança cultural e espiritual de uma *rede interliterária* mediterrânica deixou fundas marcas para os séculos vindouros, desde logo por haver ancestrais raízes comuns.

comunidade ou *rede interliterária* estão esbatidas, mas torna-se evidente a persistência de certas aproximações geoculturais e geopoéticas (cf. Durisin & Gnisci, 2000), potenciadas por uma memória comum, mas também por acontecimentos contemporâneos que ora atentam contra esse legado, ora contra o mais elementar respeito pela dignidade humana³.

No caso da poesia portuguesa contemporânea, o Mediterrâneo e o que esta densa paisagem cultural significa no nosso imaginário comum comparecem de forma memorável – apenas a título de rapidíssimo exemplo, de gerações e poéticas bem diferenciadas – na escrita de David Mourão-Ferreira e no seu fascínio por Itália e pela Grécia, em múltiplas deambulações; na poesia límpida e luminosa de Sophia de Mello Breyner Andersen e no sua culto pela *fonte grega*; na escrita desencantada de Hélia Correia (2013, p. 18), em épocas de “miséria” e “tempos de indignância” (*A Terceira Miséria*), privilegiando a Europa do Sul e tendo como modelo de referência a antiga Grécia, a “Gente do Sul”: “Diz-me, onde está Atenas?, perguntou”.

De entre os poetas de gerações mais recente, entre tantos outras ilustrações possíveis, o recente livro de João Luís Barreto Guimarães (2016), intitulado *Mediterrâneo*, que navega amplamente pelo “mar de Ulisses”; a par das viagens mentais de Maria João Cantinho (2016), em *Do Ínfimo*, evocando também a indignância das tragédias que se abateram sobre cidades mediterrânicas (Nimrud, Hatra, Palmira, etc.), de que restou um “teatro de morte”; ou o poema “Mediterrâneo” de Jorge Costa (s/d), em cujos primeiros versos e sugestivos jogos verbais lemos a tragédia humana de hoje:

entre a terra e a terra
fica o mar
e fica a sorte

entre o mar e a terra
fica o norte
e fica a morte dos sem sorte
dos sem terra

entre o norte e a morte
fica a sorte
e à sorte fica a guerra
e os sem terra
no desterro
pelo erro
de viver que a morte encerra

3 Esse é o caso flagrante das migrações dos últimos anos no macro-espço do Mediterrâneo, aos olhos da Europa milenar, uma tragédia humanitária continuada, um fenómeno global sem soluções à vista, originando também enormes desafios ao nível da questionação da identidade e da nacionalidade, e desencadeando ainda múltiplas representações literárias e artísticas (cf. Coutinho et alii, 2012; Matias, 2014; e Guimarães, 2020)

e há um mar imenso
 e o consenso sem conteúdo
 e há um grito incontido
 um bramido
 que não é do mar
 mas é de tudo

No longo poema "O mito de Europa", Nuno Júdice revisita, em registo desencantado e anti-épico, a história multissecular do velho continente, repleta de imagens idealizadas, de esterótipos e de mitologias, e hoje visto como "destino dos viajantes sem / regresso" (2017, p. 77), referindo-se àqueles "que a água engole, para não mais os devolver os / sem nome, os sem rosto, os sem nada, os que atravessaram desertos / e ruínas para atingir a margem que um dia sonharam" (ibidem, p. 80). Porém, a desesperada fuga para a Europa civilizadas revela-se uma tremenda descida aos infernos:

(...) vejo-te flutuar, arrastando atrás
 de ti os que te procuravam, e singram agora na mesma corrente
 que te aproxima das praias inúteis do continente. Somo-te
 aos mortos anónimos que dão á costa, e trazem neles
 ainda os gritos dos fugitivos, as imagens do sangue, os pedaços
 de corpos que emergem das pedras e dos destroços. Chamei-te
 europa, mas podias ser a síria, a babilónia, a fenícia, a natural
 de alepo e de palmira, a simples nómada de um deserto que
 todos os destinos amaldiçoam. (ibidem, p. 85)

Escritas densamente intertextuais, onde se mostra actuante uma fecunda memória cultural e literária de cerca de vinte e seus séculos, com destaque para a Grécia, afinal a *nossa pátria*, pois "O destino do Mediterrâneo confunde-se assim com o da Grécia" (Matvejevitch, 2009, p. 106) – assim se pronuncia o autor do *Breviário do Mediterrâneo*.

Estes e muitos outros autores portugueses actuais proporcionam-nos páginas e universos perpassados de luzes e de sabores, de perfumes e de personagens, indissolavelmente ligados à paisagem histórica e cultural do Mediterrâneo: evocações de viagens e peregrinações, e seus relatos; incontáveis portos marítimos; pintura de inesquecíveis monumentos; aparição de figuras como Ulisses, Eneias, Poseidon ou Marco Polo, entre muitas outras, espaços aureoladamente mágicos como Ítaca ou Messina; ilhas afortunadas e espaços de exílio ou de êxodo; monstros marinhos e paisagens desconhecidas; cartas e mapas de itinerários e de navegações mas também guerras e conflitos, conquistas e impérios, derrocadas e ocasos civilizacionais. Numa palavra, no Mediterrâneo confluíram inúmeras viagens – geográficas, ficcionais, afectivas, culturais.

Tudo isto e muito mais recobre este mar a que chamamos Mediterrâneo, o *mar interior* a que os gregos também lhe chamavam "o nosso mar". Definitivamente, não é possível imaginarmos uma história comum sem a Grécia e sem o Mediterrâneo; nem é concebível traçar a evolução da tradição literária desta vasta região sem que o Mediterrâneo, enquanto mar ocidental, como antes sugerido, ocupe um lugar nuclear nessa cartografia mental ou *imago mundi* da própria Europa.

2. Mediterrâneo como cenário trágico

*Queria um poema de respiração tensa
e sem pudor.
Com a elegância redonda das mulheres barrocas
e o avesso todo do arbusto esguio. (Ana Luísa
Amaral)*

Na impossibilidade de analisarmos um *corpus* alargado de textos literários, fixemos a nossa atenção em alguns poemas de Ana Luísa Amaral. Neste antiquíssimo e complexo *continuum* cultural, tomemos apenas o breve exemplo de uma poeta portuguesa contemporânea, cuja escrita mostra plena consciência desta imensa paisagem e memória culturais, profundamente atenta a sinais destes tempos sombrios em que vivemos, requerendo uma “respiração tensa e sem pudor”.

Nestes tempos conturbados, ora se destroem criminosamente legados civilizacionais; ora se abandonam milhares de seres humanos em pleno mar mediterrâneo, em novos dilúvios e catástrofes de dimensões bíblicas, transformando esta ampla *estrada marítima* numa gigantesca e impressionante sepultura, bem na frente dos olhos de uma Europa que se toma por superiormente rica, hiper-civilizada e baluarte de princípios ético-morais multisseculares⁴. Porém, hoje parece que Deus já não manda construir novas arcas salvíficas; e assim milhares de seres humanos são abandonados à sua terrível sorte.

No dramático cenário contemporâneo, já não se mantém igual o velho desenho do labirinto de ressonância clássico, pois parecem não existir fios de Ariadne para evitar novas perdições. Definitivamente, Ítaca, Atenas ou outras cidades mediterrânicas já não possuem a mesma brilhante e mítica coloração de outrora:

Segundo Labirinto

Defronte, agora,
ao monte mais sereno do Olimpo,
as cores eram já outras: não azul.

Mas o salto em vazio e sobre o mar,
e uma esplanada quente sobre nada

⁴ Como problematiza Yuval Noah Harari (2018, p. 178 ss.), em *21 Lições para o Século XXI*, as dramáticas migrações que tanto caracterizam os tempos actuais de uma sociedade globalizada abrem debates tensos que estão bem longe de estar encerrados, desde logo porque os interlocutores demonstram frequentemente velhos preconceitos antropológico-culturais: “A crescente onda de refugiados e imigrantes provoca reações entre os europeus e desencadeia discussões amargas sobre a identidade e o futuro da Europa” (Harari, 2018, p. 179).

Também Alexis Nouss (2017), na sequência de outros estudos sobre a temática do exílio e da migração, consagra especial atenção à singularidade das migrações contemporâneas ocorridas no espaço-geocultural do Mediterrâneo: “(...) rappelons que si l’Ulysse d’Homère revient à Ithaque, il est impatient d’en repartir – migrant un jour, migrant toujours – et que dant “La Dinive comédie”, Dante fait périr Ilysse noyé en Méditerranée, le transformant por nous en figure topique des arrivants actuelles” (2017, p. 25).

de Corfu, Creta, Rodes,
mantinha-se de lado, quase igual.

«Nada», dissera então.
E Ariadne parecera sossegar.
(Amaral, 2007, pp. 330-331)

Na extensa obra poética de Ana Luísa Amaral (1956) – obra que também se estende ao teatro, ficção, ensaio, tradução, literatura infantil, em mais de três dezenas de livro, também editados e traduzidos em diversos países –, entre outras linhas de força, encontramos a presença de uma escrita muito vigilante sobre a realidade social circundante, num horizonte cosmopolita e de preocupações fundamentalmente antropológicas. Re-pensar o ser humano e a sua condição desamparada, tantas vezes a partir de inesperadas e reveladoras situações do quotidiano, sem esquecer a linguagem usada. Em todos esses magnos domínios, a voz poética da autora se vem detendo, dando nome às coisas, parafraseando o poema de abertura do seu recente livro – *What's in a Name* (Amaral, 2017a).

Tudo isto conjugado equivale a uma poética ambiciosa, dominada pela confessada ideia de “desarranjo”, cujo *ofício* se prolonga desde a década de 1990, num considerável número de livros, unidos por um olhar ímpar e sensível, mas também profundamente atento e crítico. Por isso, o leitor não estranha que, a par de inesperados *flashes* sobre pormenores de um quotidiano aparentemente comezinho – a meditação sobre a cor branca de um casaco numa loja –, possam emergir reflexões deste teor:

Como a lua ou o muro, nas suas serventias
tão diferentes: violência, dor,
mas também o mistério de um gato caminhante,
podem ser formas várias de falar o desespero,
que não tem musgo a resguardar-lhe arestas e crateras,
nem luar a sustê-lo,
nem um gentil pousar
(Amaral, 2017a, pp. 20-21)

Enraizada na realidade do mundo contemporâneo, esta poética interroga-se, desafiadoramente – “Pergunto: o que há num nome?” (Amaral, 2017a, p. 24). O mesmo é dizer que se impõe o questionamento da “espessura” de certas palavras, marcadas pela sua história e eventual herança mítica, como pelo seu desgastado uso. Essa indagação está bem longe de se enredar em estereis jogos linguísticos, embora não desdenhe discorrer sobre “A tragédia dos fados (ou dos factos)” (Amaral, 2017a, p. 33); ou humoradamente se detenha na rememoração de “Moiras, ou musas: confusa invocação fal(h)ada” (Amaral, 2017a, p. 36).

Neste registo de poética antropológica e socialmente vigilante, como não se pronunciar sobre as mais diversas “hecatombes”, “abalos culturais” e as mais diversas “comoções” que irrompem no nosso quotidiano? Sem desassossegos inúteis, há muito superados, de metros e de rimas, ou de outras constrições formais. A paisagem poética de Ana Luísa Amaral é carregada de uma memória cultural que não pode ser objecto de erosão, porque esse riquíssimo imaginário

moldou o humano que somos, em ecos e reverberações que se prolongam até aos nossos dias. Como a imagem ancestral de “Uma casa / povoada com ondas e perfil, / por fim habitação”, apelando para as reminiscências de uma viagem e de Ulisses, mesmo no registo de uma “história toda contada do avesso” (Amaral, 2017a, pp. 58, 59).

Neste universo, sobressai sempre a tendência para a inquirição e para as “perguntas”, tantas vezes desenvolvidas depois numa tensão entre a crítica e a esperança, entre a denúncia e o horizonte possível de salvação, longe de desesperos apocalípticos ou de pessimismos catastrofistas. Afinal, o húmus da cultura comum contém um potencial que permite ao ser humano pensar as várias manifestações do inumano e da barbárie. Por isso, não espanta que a ensaísta Ana Luísa Amaral (2017b, p. 9) retome o notável verso do quinhentista Francisco Sá de Miranda, com todas as implicações nele contidas – “Que farei quanto tudo arde?”

Como sugerido, a voz poética de Ana Luísa Amaral não podia ficar indiferente à continuada tragédia contemporânea dos desesperados migrantes ou refugiados que, aos milhares cruzam as águas do Mediterrâneo em demanda de uma salvação possível, que os livre da barbárie da fome, da violência ou de outras formas de indizível desesperança. As imagens de que o poema se tece ora evocam esse quadro atroz dos nossos dias, ora contrapõem uma memória ancestral, contrastando a beleza da epopeia de outrora e a desapiedada tragédia que hoje nos entra pelos olhos:

*os mares de Homero deixaram
de trazer, esbeltas, as suas naves*

em nome dos sem nome, continua.
por desertos de areia, desertos sem
sentido, continua, por rostos no deserto,
os do sem nome ou rosto, continua.
ao fundo do deserto, diz-se gotas de
sangue e grãos de areia, a esfinge
no deserto, continua, no verdadeiro
nome do espesso fluido que se diz
vital, em toneladas certas, continua.

*os divinos moinhos moendo devagar
fina farinha, inúteis mares de pó
(Amaral, 2017a, p. 71)*

Empaticamente, a voz poética toma as dores desses milhares de pessoas que, atravessando desertos inimagináveis, se lançam ao mar, irmanando-se assim “em nome dos sem-nome” (Amaral, 2017a, p. 71). O Mediterrâneo que foi berço da civilização que nos humanizou, na fonte grega da nossa civilização, é agora espaço de imparáveis e indizíveis conflitos bélicos, culminando no desespero e no tumulto, de uma sociedade nos limites da radical desumanização.

A tragédia humana estende-se a cidades concretas e a geografias bem conhecidas destas novas rotas do desespero – da Síria e das ilhas gregas à cidade portuária do norte de França –, como acontece no poema “Aleppo, Lesbos, Calais,

ou, por outras palavras” (cf. Amaral, 2017a, p. 72). Como ficar impassível, apesar de toda a distância e da banalização gerada pelos *media*? Como aceitar o furor destrutivo “a rasar a abominação”? São “carreiros de gente / a parecerem oceanos”, movidos pela fome e desterrados pela angústia, que motivam a ênfase ou a premência da voz poética, ao deter-se nos espaços devastados de hoje:

quero falar do que antes eram ruas, avenidas
bordadas a casas e palmeiras, dos tapetes que outrora,
em imaginação nossa, voavam de magia
e que agora se esfumam de outras formas
as mais rasas

Ou do tempo da poesia antes, quando os barcos
entravam, esguios, e a palavra se fazia
a nitidez de imagem, da violência depois e deste tempo,
porta de entrada em rudes barcas para a violência
em séculos agora

[...]

Do que vejo de longe e num écran,
não consigo falar usando redondilha,
versos redondos, uma sintaxe igual e certa
(Amaral, 2017a, p. 72)

Apesar de todas as condenatórias denúncias, o imparável *furor* da destruição persiste, pois a bestialidade emerge na maior barbárie e perante consciências que assistem à distância, envoltos numa singular “cegueira”: “neste recanto ao canto desta Europa, / mesmo sem vergonha de estar quente e longe, / e protegida sob uma lente amplíssima /

que só deixa passar, finíssimas, meia dúzia de imagens” (Amaral, 2017a, p. 73).

Contra este estado de devastação, imperativos éticos fundacionais não deviam permitir ambiguidades ou olhares bifrontes, obrigando-nos a sair do nosso rotineiro aconchego, como na sugestiva e provocante imagem do aquecido mês de janeiro:

O luxo de estar quente:
um luxo absurdo, mas luxo verdadeiro
ao lado do janeiro: o mês bifronte,
feito de duas faces, como nós,
desatentos, fingidos, incultos habitantes
deste planeta [...]
(Amaral, 2017a, p. 69)

3. Conclusão

Nestes tempos que alguns designam de “pós-ideologia”, uma das ideias mais marcantes da filosofia política e cultural do Ocidente é a existência de uma teleologia multissecular, segundo a qual a História evolui no sentido de um constante aperfeiçoamento. Ora, múltiplos factos, sobretudo de maior impacto trágico,

vêm questionar justamente essa idealizante concepção (cf. Petri, 2019). Sobre-tudo, quando esses factos têm consequências tremendas no plano humanitário.

Como é previsível, esses retrocessos trágicos despoletam interrogações sobre o adquirido e sobre o humano. Ora, consabidamente, a palavra literária sempre se distinguiu ao longo dos séculos como um discurso ímpar para pensar a *condição humana* (cf. Buescu, 2017, p. 419 ss.). Em certo sentido, podemos falar em contínua paixão pelo humano, pela “humana condição” (Amaral, 2007, p. 109); ou nas palavras de H. Helder:

li algures que os gregos antigos não escreviam necrológios,
quando alguém morria perguntavam apenas:
tinha paixão? (Helder, 2008, p. 612)

Todos reconhecemos que a palavra poética e literária sempre desempenhou uma ímpar função vigilante, atenta e crítica à evolução da *res publica* em cada época. Apesar de ocasionais instrumentalizações excessivamente político-ideológicas, não cabe à literatura fornecer “receitas para a crise” (Amaral, 2015, p. 85). Estes textos poéticos da autora mostram-se exemplares nesse sentido: apesar de os sentirmos vinculados a algumas situações contemporâneas, eles extravasam esses circunstancialismos, na medida em que se elevam a uma meditação antropológica de dimensão universal.

Conterá a palavra e o diálogo intercultural o poder de prevenir novas tragédias? Que pode a literatura? Apesar do extremo cepticismo de Theodor Adorno e de Maurice Blanchot na etapa pós-Auschwitz, é imperioso continuar a dizer o indizível e o obscuro que envolve o humano, expor a tragédia dos actos de barbárie em toda a sua hediondez. Esse o mandato que impende sobre todo o escritor, artista ou intelectual, independentemente da época que lhe calhou viver – o *dever da memória* (Primo Levi)⁵ e uma ética do cuidar humano, à falta de melhor denominação. Por tudo isto, nos parece tão actual a lapidar interrogação de F. Sá de Miranda – “Que farei quando tudo arde?”

Enquanto a palavra literária se pronunciar, vigilantemente, sobre o mundo em que vivemos, manter-se-á a esperança, apesar de todas as *fragilidades* do humano. Não surpreende que a própria escrita ensaística de Ana Luísa Amaral adote plenamente o pensamento ético de Primo Levi (2008, p. 84), quando este reclama a “obrigação moral para com os emudecidos”, mesmo sabendo que “a poesia é simultaneamente frágil e poderosa” (cf. Amaral, 2017b, p. 32). Dar voz aos marginalizados e silenciados da História, que não se reduzem a “estilísticas” ou “estatísticas”; nunca ficar indiferente o horror do circundante.

Nessa ambiguidade radica também a sua obrigação moral, enquanto forma de expressão artística que não adormece na indiferença ou na neutralidade, antes se comporta “como se bebesse a dor toda do mundo” (Amaral, 2015, p. 56). A

⁵ Recordemos um profundo elogio ao poder da palavra literária, destacando um episódio dramático – Primo Levi contava ao seu companheiro de cela em Auschwitz passos de *A Divina Comédia* de Dante, como este: “Considerai a vossa procedência: / não fostes feitos pra viver quais brutos, mas para buscar virtude e sapiência” (*apud* Compagnon, 2009, p. 43).

palavra poética compromete-se no mais amplo sentido do termo, especialmente com todas as formas de precariedade do humano, tendo justamente como pano de fundo da mundividência humanista da Grécia antiga. Parafraseando Almada Negreiros (1983), o compromisso antropológico da palavra poética deve afirmar-se especialmente quando o ódio ou a desumanidade tudo transformam num “Dilúvio Universal sem Arcas de Noé” (v. 35) salvadoras da catástrofe. Afinal, esse é o “som que os versos fazem, com a vida” (Amaral, 2015, p. 125).

Referências bibliográficas

1.

- Amaral, A. L. (2007). *Entre Dois Rios e outras Noites*. Porto: Campo das Letras.
- Amaral, A. L. (2010). *Inversos (1990-2010)*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Amaral, A. L. (2015). *E Todavia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Amaral, A. L. (2017a). *What's in a Name*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Cantinho, M. J. (2016). *Do Ínfimo*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Castro, J. (s/d). “Mediterrâneo”, <http://portuguesapoesia.blogspot.com/2015/04/mediterraneo.html> (consultado em: 02.09.2018).
- Correia, H. (2013). *A Terceira Miséria*. Lisboa, Lisboa: Relógio d'Água.
- Guimarães, J. L. B. (2016). *Mediterrâneo*. Lisboa: Quetzal.
- Helder, H. (2008). *Ofício Cantante*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Júdice, N. (2017). *O Mito de Europa*. Lisboa: D. Quixote.
- Negreiros, A. (1983). *A Cena do Ódio. Orpheu 3 (Provas de Página)*. Porto: Ed. Nova Renascença.
- 2.
- Aguiar e Silva, V. (2007). Camões e a comunidade interliterária luso-castelhana nos séculos XVI e XVII (1572-1648). *Relâmpago*, 20, 91-102.
- Amaral, A. L. (2017b). *Arder a Palavra e outros incêndios*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Arendt, H. (2004). *Responsabilidade e Julgamento* (Trad. Rosaura Eichenberg). São Paulo, Companhia das Letras.
- Buescu, H. (2017). *Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português, I – Mundos em Português* (vol. 2). Lisboa: Tinta da China.
- Compagnon, A. (2009). *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Coutinho, A. P. et alii (2012). *Passages et Naufrages Migrants: les fictions du détroit*. Paris: Harmattan.
- Durisin, D. & Gnisci, A. (Eds.) (2000). *Il Mediterraneo: una rete interletteraria*. Roma: Bulzoni Editore.
- Guimarães, P-A. (org.). *Poéticas Interculturais – Representações Literárias do Outro como Estrangeiro*. Braga: CEHUM – Uni. do Minho.
- Harari, Y. N. (2018). *21 Lições para o Século 21*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Levi, Primo (2008). *Os que Sucumbem e os que se Salvam* (Trad. José Colaço Barreiros). Lisboa: Teorema
- Matias, G. S. (2014). *Migrações e Cidadania*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Matvejevitch, P. (2009). *Breviário do Mediterrâneo*. Lisboa: Quetzal.
- Moura, V. G. (2013). *Identidade Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Nouss, A. (2017). *L'Exil et la Migration aujourd'hui: rupture ou continuité?* Paris: Fondation Calouste Gulbenkian.
- Petri, Rolf (2019). *Breve História da Ideologia Ocidental: um relato crítico*. Lisboa: Temas & Debates.

Resumo

Tal como em outros autores contemporâneos, na extensa e reconhecida obra de Ana Luísa Amaral, a paisagem do Mediterrâneo e os tópicos da catástrofe e da redenção, com suas diversas variantes, mostram-se profundamente estruturantes. Na sua escrita, enraizada na História, mas sobretudo muito atenta ao presente, essa tensão essencial está presente, ainda que nem

sempre de forma explícita e simultânea. Até chegarmos ao particular de uma escrita poética mais recente, não indiferente à crise humanitária na Europa, onde o Mediterrâneo é o espaço de novas arcas de Noé à deriva, repletas dos “sem-nome”, num horizonte bem trágico e bem longe dos míticos “mares de Homero”, signo de uma cultura humanista.

Abstract

Similar to how we view other contemporary authors, in the extensive and notable work of Ana Luísa Amaral we see the landscape of the Mediterranean and discern the themes of catastrophe and redemption, with their numerous, intensely structured variants. Her writing is informed by history but focuses primarily on the present, where the tension in her work mainly exists, although not always continuously and explicitly. We are now arriving at the core of her more recent poetic writing, very aware of the humanitarian crises in Europe where the Mediterranean serves as the space for new Noah's Arks adrift, full of “nameless” peoples, in a tragic horizon, far from the Homer's “wine-dark seas”, once a symbol of a humanistic culture.